



A Santa Sé

PAPA JOÃO PAULO II

AUDIÊNCIA GERAL

Quarta-feira, 28 de Abril de 1982

Continência por amor do reino de Deus e significado esponsal do Corpo

1. "Há aqueles que se fizeram eunucos a si mesmos por amor do reino dos Céus": assim se exprime Cristo segundo o Evangelho de Mateus. (*Mt 19, 12*).

É próprio do coração humano aceitar as exigências, até difíceis, em nome do amor por um ideal e sobretudo em nome do *amor para com uma pessoa* (o amor, de facto, é por essência orientado para a pessoa). E, portanto, naquele apelo para a continência "por amor do reino dos Céus", primeiro os próprios Discípulos e depois a Tradição viva cedo descobrirão aquele amor que se refere a *Cristo mesmo como Esposo da Igreja e Esposo das almas*, às quais Ele se deu a si mesmo totalmente, no mistério da sua Páscoa e na Eucaristia. Deste modo, a continência "por amor do reino dos Céus", a opção pela virgindade ou pelo celibato para toda a vida, tornou-se na experiência dos discípulos e dos seguidores de Cristo, um acto de *resposta particular ao amor do Esposo Divino* e por conseguinte *adquiriu o significado de um acto de amor esponsal*, isto é, de um dom esponsal de si, a fim de retribuir de modo particular o amor esponsal do Redentor; um dom de si, entendido como *renúncia*, mas feito sobretudo *por amor*.

2. Colhemos assim toda a riqueza do conteúdo, de que está repleto o enunciado de Cristo, embora conciso mas ao mesmo tempo tão profundo, sobre a continência "por amor do reino dos Céus"; mas agora é conveniente prestar atenção ao significado que estas palavras têm para a teologia do corpo, do mesmo modo que procurámos apresentar e construir os seus fundamentos bíblicos "desde o princípio". Precisamente a análise daquele "princípio" bíblico, a que se referiu Cristo no colóquio com os Fariseus sobre o assunto do matrimónio, da sua unidade e indissolubilidade (cf. *Mt 19, 3-9*) — *pouco antes* de se dirigir aos seus discípulos com as palavras

sobre a continência "por amor do reino dos Céus" (*ib.* 19, 10-12) — permite-nos recordar a *verdade profunda sobre o significado esponsal do corpo humano* na sua masculinidade e feminilidade, como o deduzimos no devido tempo *da análise* dos primeiros capítulos do Génesis (e, em particular do capítulo 2, 23-25). Era necessário formular e precisar exactamente assim o que encontramos naqueles textos antigos.

3. A mentalidade contemporânea habituou-se a pensar e a falar sobretudo do instinto sexual, transferindo para o terreno da realidade humana o que é próprio do mundo dos seres vivos, os *animalia*. Agora, uma reflexão aprofundada sobre o texto conciso do primeiro e do segundo capítulo do Génesis permite-nos estabelecer, com certeza e convicção, que "desde o princípio" é delineado na Bíblia um limite muito claro e unívoco entre o mundo dos animais (*animalia*) e o homem criado à imagem e semelhança de Deus. Naquele texto, embora relativamente breve, há contudo bastante espaço para demonstrar que o homem tem clara consciência daquilo que o distingue de modo essencial de todos os seres vivos (*animalia*).

4. Por conseguinte, a *aplicação* desta *categoria ao homem*, substancialmente naturalística, que está encerrada no conceito e na expressão de "*instinto sexual*", *não é totalmente adequada ao homem*. É óbvio que tal aplicação pode fazer-se com base numa certa analogia; de facto, a particularidade do homem em relação a todo o mundo dos seres vivos (*animalia*) não é tal que o homem, compreendido do ponto de vista da espécie, não possa ser fundamentalmente qualificado também como animal, mas *animal racional*. Portanto, apesar desta analogia, a aplicação do conceito de "*instinto sexual*" ao homem — dada a dualidade em que ele existe como varão ou mulher — limita todavia grandemente, e em certo sentido "diminui", aquilo que é a própria masculinidade-feminilidade na dimensão pessoal da subjectividade humana. Limita e "diminui" também aquilo porque ambos, o homem e a mulher, se unem de modo a ser uma só carne (cf. *Gén 2, 24*). Para exprimir isto de modo apropriado e adequado, é necessário servir-se também de uma *análise diversa da naturalística*. E é precisamente o estudo do "princípio" bíblico que nos obriga a fazê-lo de maneira convincente. A verdade sobre o significado esponsal do corpo humano na sua masculinidade e feminilidade, deduzida dos primeiros capítulos do Génesis (e em particular do capítulo 2, 23-25), ou seja *a descoberta, simultaneamente, do significado esponsal do corpo* na estrutura pessoal da subjectividade do homem e da mulher, parece ser neste âmbito um conceito-chave, e ao mesmo tempo o único apropriado e adequado.

5. Pois bem, precisamente a propósito deste conceito, desta verdade sobre o significado esponsal do corpo humano, é necessário voltar a ler e entender as palavras de Cristo acerca da continência "por amor do reino dos Céus", pronunciadas no imediato contexto daquela referência ao "princípio", sobre o qual Ele fundou a sua doutrina a respeito da unidade e da indissolubilidade do matrimónio. Na base do chamamento de Cristo para a continência está não só o "instinto sexual", como categoria de uma necessidade, diria, naturalística, mas também a *compreensão da liberdade do dom*, que está organicamente em conexão com a profunda e amadurecida *consciência do significado esponsal do corpo*, na estrutura total, da subjectividade pessoal do

homem e da mulher. Só em relação a tal significado da masculinidade e feminilidade da pessoa humana, a chamada de *Deus para a continência voluntária* "por amor do reino dos Céus" *encontra plena garantia e motivação*. Apenas e exclusivamente em tal perspectiva Cristo diz: "Quem puder compreender, compreenda" (*Mt 19, 12*); com isto, ele indica que tal continência — embora em todos os casos seja sobretudo um "dom" — pode ser também "compreendida", isto é colhida e deduzida do conceito que o homem tem do próprio "eu" psicossomático na sua plenitude, e em particular da masculinidade e feminilidade deste "eu" na relação recíproca, que está "por natureza" Inscrito em toda a subjectividade humana.

6. Como recordamos das análises precedentes, realizadas com base no Livro do Génesis (*Gén 2, 23-25*), aquela relação recíproca da masculinidade e feminilidade, aquele recíproco "por" do homem e da mulher pode ser compreendido de modo apropriado e adequado apenas no conjunto dinâmico do sujeito pessoal. As palavras de Cristo em Mateus (*19, 11-12*) mostram a seguir que aquele "por", presente "desde o princípio" na base do matrimónio, *pode também estar na base da continência "por" amor do reino dos Céus!* Fundando-nos na mesma disposição do sujeito pessoal, graças à qual o homem se encontra plenamente através de um dom sincero de si (cf. *Gaudium et spes*, 24), o homem (varão ou mulher), é capaz de escolher a doação pessoal de si mesmo, feita a outra pessoa no pacto conjugal, em que eles se tornam "uma só carne" e é também capaz de renunciar livremente a tal doação de si a outra pessoa, para que, optando pela continência "por amor do reino dos Céus" possa dar-se a si -mesmo totalmente a Cristo. Baseando-nos na mesma disposição do sujeito pessoal e no mesmo significado esponsal do ser, enquanto corpo, varão ou mulher, pode plasmar-se o amor que empenha o homem ao matrimónio na dimensão de toda a vida (cf. *Mt 19, 3-10*), mas pode também plasmar-se o amor que empenha o homem por toda a vida à continência "por amor do reino dos Céus" (cf. *Mt 19, 11-12*). Precisamente disto fala Cristo no conjunto do seu enunciado, dirigindo-se aos Fariseus (cf. *Mt 19, 3-10*) e depois aos Discípulos (cf. *Mt 19, 11-12*).

7. É evidente que a opção pelo matrimónio, tal como ele foi instituído pelo Criador "desde o princípio", supõe a tomada de consciência e a aceitação interior do significado esponsal do corpo, relacionado com a masculinidade e feminilidade da pessoa humana. Precisamente isto, de facto, está expresso de modo lapidar nos versículos do Livro do Génesis. Ao escutarmos as palavras de Cristo, dirigidas aos Discípulos sobre a continência "por amor do reino dos Céus" (cf. *Mt 19, 11-12*), não podemos pensar que aquele segundo género de opção possa ser feito de modo consciente e livre sem uma referência à própria masculinidade ou feminilidade e àquele significado esponsal, que é próprio do homem precisamente na masculinidade ou feminilidade do seu ser sujeito pessoal. Pelo contrário, à luz das palavras de Cristo, devemos admitir que *aquele segundo género de opção, ou seja, a continência por amor do reino de Deus, se realiza também em relação com a masculinidade ou feminilidade própria da pessoa que faz tal opção; realiza-se em base à plena consciência daquele significado esponsal, que a masculinidade e a feminilidade contêm em si. Se tal opção se realizasse em consequência de um qualquer artificioso "prescindir" desta riqueza real de cada sujeito humano, não corresponderia de modo apropriado e adequado*

ao conteúdo das palavras de Cristo em Mateus 19, 11-12.

Cristo pede aqui explicitamente uma compreensão total, quando diz: "Quem puder compreender, compreenda" (Mt 19, 12).

Oração à Rainha da Polónia /14

"Pela nossa e a vossa liberdade"

Estas palavras — bem conhecidas pela inscrição nas bandeiras polacas — vieram-me à lembrança, no domingo da Oitava de Páscoa quando me encontrava em Bolonha. Ao regressar do cemitério das vítimas da segunda guerra mundial, em direcção ao centro da cidade, li numa rua a seguinte inscrição: "Por esta rua entraram os soldados polacos trazendo-nos a liberdade".

Pelo mesmo caminho Tu nos trazes a fé!

Desejo manifestar diante de Nossa Senhora de Jasna Góra que estas palavras me comoveram profundamente, este testemunho da memória viva após quase quarenta anos, e juntamente o cordial convite.

Hoje, ajoelhado espiritualmente em Jasna Góra; repito estas palavras diante de todos vós, meus Compatriotas, que me ouvis.

Pela liberdade "nossa e vossa" os Polacos morreram em várias frentes do mundo. Quantos morreram durante a segunda guerra mundial? Combateram pela justa causa ao lado dos aliados.
Quantos deles não encontraram lugar na Pátria!

Quantos emigraram!

Hoje, quando a nossa Nação passa por uma nova prova, bradamos em voz alta diante de Ti, Mãe de Jashá Góra:

na Polónia não pode faltar lugar para os Polacos!

Cada homem tem direito à sua Pátria, ninguém pode ser condenado a emigrar.

Senhora de Jasna Góra!

Mais uma vez, no decurso destes difíceis meses, brado a Ti, *para que tomes Tu a defesa dos direitos dos meus Compatriotas.*

Saudações

A dois grupos de língua inglesa

Sinto-me muito feliz em saudar os "Cantores Menores" de Helsínquia na Finlândia. Expressis a vitalidade da vossa Jovem vida na canção. A disciplina da vossa arte tornar-vos-á certamente capazes de absorver melhor as muitas belezas desta Cidade Eterna. Oxalá tenhais muitas alegres recordações da vossa visita. E quando voltardes para o vosso país, dizei aos vossos jovens amigos que o Papa lhes envia a sua afeição.

Vindo da África do Sul, está presente também um Coro de Jovens que se dedicam a cantos de Natal. Soube que destes concertos em Loreto. A lembrança da Sagrada Família de Nazaré vos acompanhe sempre e seja uma fonte de inspiração para as vossas vidas.

Faço extensiva uma saudação muito especial aos participantes na Peregrinação "Garda Síochána na hEireann" (Polícia Irlandesa) no 60º aniversário de fundação do Corpo de polícia de segurança pública. Guardiães da Paz da Irlanda! Nós já nos conhecemos. Prestastes-me o vosso serviço durante a memorável visita que fiz ao vosso lindo e amado país. Estais a comemorar sessenta anos de serviço dedicado ao vosso país, numa tradição de "vigilância, diligência, zelo e denodada coragem".

No mundo contemporâneo a tarefa da polícia dentro da sociedade não é certamente fácil. Exige senso de vocação, de empenhada dedicação para a segurança e o bem-estar dos vossos concidadãos. Necessita que reconheçais e considereis uma importante e efetiva força moral a trabalhar em benefício da vossa sociedade. Oxalá a vossa fé em Jesus Cristo e a vossa dedicação à Igreja vos dêem a força e o encorajamento de- que necessitais.

A minha saudação vai também para o Comissário-Chefe, os Oficiais e Agentes, o Bispo Comiskey e os outros capelães, para as vossas famílias e amigos aqui presentes, como também para todos aqueles que representais na Irlanda.

Moladh go deo le Dia!

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana